

## VARIÁVEIS EPIDEMIOLÓGICAS, COMPORTAMENTAIS E SEXUAIS EM MULHERES QUE FAZEM SEXO COM MULHERES

II Congresso Online de Ginecologia e Obstetrícia da Sogise, 1ª edição, de 25/01/2021 a 28/01/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-86861-36-5

**GONÇALVES; Amanda Silvestre Santos <sup>1</sup>, FONTES; Gabriela de Queiroz <sup>2</sup>, ARAÚJO; Rodrigo Almeida Santiago de <sup>3</sup>, DIAS; Julia Maria Gonçalves <sup>4</sup>, AGUIAR; Aline Rocha <sup>5</sup>**

### RESUMO

**Introdução:** A sociedade tem como padrão a heteronormatividade, o que causa diversas consequências aos indivíduos que divergem de tal. A dificuldade de acesso ao serviço de saúde é um dos exemplos das complicações enfrentadas pela população não-heterossexual, especialmente mulheres lésbicas e bissexuais. As principais causas desse afastamento se relacionam ao preconceito de funcionários, ao medo da discriminação e ao fato de não conhecer a relevância do cuidado preventivo. Dessa forma, essa população tem menor frequência nas consultas e realização de procedimentos necessários. Consequentemente, há maior propensão a desenvolver problemas de saúde. **Objetivo:** Analisar a assistência ginecológica recebida por mulheres lésbicas e bissexuais. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional descritivo cujos dados foram coletados através da aplicação de questionário próprio contendo variáveis relacionadas ao acompanhamento ginecológico destas mulheres. O questionário foi disponibilizado através do Formulários Google, divulgado em redes sociais e respondido por 455 mulheres que fazem sexo com mulheres. Foram incluídas as mulheres maiores de 18 anos, com vida sexual ativa e que concordaram em participar do estudo através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. **Resultados:** Das 455 participantes da pesquisa, 174 (38,24%) eram lésbicas e 273 (60%) eram bissexuais. Essas mulheres apresentavam média de idade de 23,7 anos. A quase totalidade de participantes do estudo já havia realizado consulta ginecológica (410; 90,11%). Porém, somente pouco mais da metade (296; 65,05%) havia realizado o exame citopatológico cervical em algum momento da vida. Quanto à revelação da orientação sexual para profissionais médicos durante a consulta, apenas 50,11% (228) das participantes compartilharam essa informação, sendo recebida, em sua maioria, com reação positiva ou neutra dos médicos (135; 29,67%). Apesar disso, 16 (3,53%) mulheres receberam uma reação preconceituosa ou discriminatória por parte dos profissionais. Já entre as que não revelaram sua orientação sexual, muitas não o fizeram por falta de oportunidade durante a consulta (90; 19,78%), por não se sentirem confortáveis, acolhidas, para expor essa informação (79; 17,36%) ou por não acharem relevante (48; 10,55%). **Conclusões:** A quase totalidade das mulheres já havia feito consulta ginecológica, porém apenas pouco mais da metade delas havia realizado exame preventivo. Quanto à revelação da sexualidade aos profissionais de saúde, apenas metade das mulheres revelaram e estas tiveram, em sua maioria posicionamentos

<sup>1</sup> UFS, amandassgoncalves12@gmail.com

<sup>2</sup> UFS, dias\_jmg@yahoo.com.br

<sup>3</sup> UFS, alineaguiar96@yahoo.com

<sup>4</sup> UFS,

<sup>5</sup> UFS,

neutros ou positivos como resposta. Das que não revelaram, os principais motivos foram falta de oportunidade ou medo de discriminação. Dessa forma, é evidenciada a necessidade de maior preparação dos profissionais, em termos de acolhimento, investigação e orientação aos pacientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ginecologia, mulher, lésbica, bissexual, prevenção.